

Alexandra Fernandes



PERCURSO UNIVERSITÁRIO

Para começar, queria que falasses um bocadinho sobre ti. Como é que foste parar à Universidade de Minho?

A escolha da Universidade do Minho foi natural porque era a universidade da minha cidade e tinha as áreas que eu pretendia. Julgo que concorri a mais universidades, mas sempre com ambição de ficar na Universidade do Minho.

Qual é que era o curso?

Engenharia metalomecânica.

Então era o que querias?

Sim, eram as engenharias. Podia não ser necessariamente a engenharia metalomecânica, mas sabia que seria uma engenharia. Na altura não tinha uma definição ainda muito clara sobre a especialidade.

FUNDAÇÃO DA TUNA

Entretanto, surgiu a ideia de criar a Tuna. Como é que isso tudo aconteceu?

Foi um acaso. Eu comecei a integrar-me na vida normal de um estudante, depois um dos meus colegas de curso vivia numa casa com um conjunto de estudantes mais antigos. Estavam todos ligados ao grupo de música popular da Universidade do Minho, de maneira que esse foi o núcleo de onde saiu a Tuna. E eu depois tinha alguns contactos com essas pessoas porque eu fazia alguns trabalhos de grupo com esse meu colega. Fui conhecendo as pessoas mas não tinha nenhum contacto muito aprofundado com eles, até porque um deles era uns dos veteranos do meu curso. Curiosamente, essa pessoa que pertencia ao grupo de música popular não foi fundador da Tuna. E depois, já não me recordo muito bem como é que eu fui parar a essa reunião, mas sei que houve uma reunião que esse colega Miguel, que era esse meu colega que morava com ...

...esses membros mais antigos do grupo de música popular, levou para essa reunião quase praticamente aquele grupo que fazia os trabalhos com ele. Portanto, fomos quatro ou cinco para essa reunião, e foi nessa reunião em que se colocou a questão de que se nós queríamos ou não queríamos integrar o núcleo que ia começar a ensaiar para fundar a Tuna. E eu como conhecia as tunas espanholas dos programas da televisão espanhola, achei a ideia interessante e entrei no barco dessa forma. Foi um acaso porque se eu não tivesse conhecido o Miguel e se ele não me tivesse convidado para essa reunião, eu nunca teria entrado na Tuna.

A CRIAÇÃO DE UMA IDENTIDADE

Então não foi difícil começar, juntaram-se na reunião e...

Não, não.

Aquilo que se calhar é importante contextualizar é que hoje nós olhamos para trás e conseguimos perceber melhor o nosso posicionamento no tempo e no espaço porque entretanto envelhecemos, ganhamos mais consciência de nós próprios e também do momento em que estivemos.

De facto isto foi em finais de 89, e não surge por acaso, ou seja, no final dos anos 80, início dos anos 90, a universidade estava num grande processo de transformação. Estava a deixar de ser uma pequena universidade local para ser uma universidade que se estava a afirmar com uma identidade própria. Das novas universidades era a que estava a ganhar mais tração e estava a captar mais alunos, até porque estava numa região que tinha mais pessoas a candidatarem-se. Na altura Braga era a cidade mais jovem da Europa, por isso toda esta região do Minho tinha muita gente a entrar para a universidade e procurava a mais próxima. Das universidades novas era a que estava a crescer mais, também porque havia um grande dinamismo da universidade.

A equipa reitoral na altura soube acompanhar esse dinamismo. E com esse crescimento começou a criar massa crítica para que as coisas surgissem. Isto era a parte institucional. Do lado dos estudantes, também começou a haver, não sei se foi uma questão de consciencialização ou se foi uma questão de reação, acho que se calhar foi mais a segunda. Começámos na altura a romper com aquilo que era, eu não vou dizer que eram as tradições, mas estávamos a criar uma marca e uma identidade própria. Foi uma altura em que se começou a celebrar o Enterro da gata e não a Queima das Fitas, foi na altura em que se fez a escolha por um traje novo e tudo isso começou a criar uma identidade própria e a tuna também nasce no meio disso tudo. O grupo de música popular já tinha uns seis anos de percurso e cobria uma parte cultural que era assente na música popular, mas as pessoas tinham este imaginário das tunas que também estavam a surgir a nível nacional e como havia muito poucas, chegaram a convidar o grupo de música popular para se disfarçar de tuna. Eles tinham ido uma ou duas vezes disfarçados de tuna e começaram a achar que fazia sentido, para não perder a identidade do grupo de música popular, que também surgisse uma tuna. E foi isso que aconteceu, o grupo de música popular que era um grupo misto e que tinha o seu campo de atuação, começou a criar ao lado a tuna universitária. E foi neste contexto de algum dinamismo cultural da parte dos alunos e de um forte crescimento da universidade.

A RELAÇÃO DA TUNA COM O GRUPO DE MÚSICA POPULAR

Quando é que foi fundado o Grupo de Música Popular?

Em 1984, 1983... não tenho a certeza disso.

Então, foi a partir desse grupo que surge a tuna.

Quando a tuna se estreou, metade da tuna já pertencia ao grupo de música popular porque entretanto, havia pessoas que tinham entrado para a tuna mas que começaram a ensaiar também com o grupo de música popular e, então, metade da tuna pertencia simultaneamente ao grupo de música popular. Em grande parte dos espetáculos, quando saíamos para fora de Braga, normalmente iam os dois grupos. Antes da tuna estrear comecei a acompanhar o grupo de música popular quase como um roadie. Ia ajudar o grupo a transportar instrumentos e a montar a parte logística do palco. Começou a ser o meu grupo da universidade, o meu grupo de amigos e às vezes ao fim de semana, se tinham um espetáculo, ia com eles.

Acontecia muitas vezes terem espetáculos?

Sim.

Tinham muitos?

Sim, no primeiro ano da tuna foi muito intenso.

TEMPO DE ATIVIDADE NA TUNA

Quanto tempo é que estiveste na tuna?

Como ativo, não sei fazer essa fronteira. Porque, na verdade, as pessoas dizem que as pessoas não saem da tuna. E isso vai-se mantendo dessa forma. É mentira... mas nós não saímos da tuna num sentido espiritual. Deixámos de estar ativos e juntámo-nos com eles para um jantar anual, que procuro ir todos os anos. E depois, no festival da tuna, procuro estar sempre presente, mas raramente consigo. Depois a vida torna isso muito difícil, até porque as pessoas têm outras responsabilidades. Eu julgo que a última vez que saí com a tuna foi em 2003. Por isso, há 20 anos. Mas agora se me perguntassem se eu saí da tuna nessa altura?

Não sei porque, de facto, as pessoas dizem que não se sai, mas acho que a última vez que estive com a tuna a sério foi em 2003.

MOMENTOS MAIS MARCANTES

Do tempo em que estiveste mesmo ativo na tuna, quais foram os momentos mais marcantes para ti?

Normalmente as pessoas falam das viagens, mas isso nem sei se isso é mesmo assim, porque às vezes há pequenas coisas que não têm importância, mas depois individualmente têm muita. Há bocado disse algo mal, porque há um momento em que nós procuramos, podendo, ir a casamentos dos tunos. Ou seja, há uma tradição da tuna de irmos aos casamentos, de ir à serenata à noiva, e ir ao casamento. Depois de 2003, eu já fui a serenatas e a casamentos. E esses são momentos em que, se forem de pessoas mais próximas de mim, têm naturalmente algum significado. Depois, felizmente, só tivemos dois funerais. Esses também são naturalmente alguns momentos que nos marcam de outra forma.

AS VIAGENS MARCANTES

Quando é que foi fundado o Grupo de Música Popular?

Daquilo que eu posso dizer que gostei mais de fazer, foram duas viagens. A primeira viagem, logo na primeira grande viagem, que foi em 90 na altura ainda era Leninegrado, hoje São Petersburgo, em que fomos cerca de 19 dias, 53 pessoas num autocarro, com o grupo de música popular incluído. Fomos de Braga até Leninegrado pelo Báltico pela Suécia, Finlândia até Leninegrado e depois regressámos por baixo, pela Polónia, Alemanha, Checoslováquia. Foi uma viagem que foi muito marcante, foi em 90, o muro de Berlim tinha caído em 89, ninguém conhecia o que estava por detrás da cortina de ferro. E fomos assim um bocado à aventura com alguns sustos pelo caminho.

Hoje rimo-nos um bocadinho, mas na altura se calhar foi à base da inconsciência. Fomos num autocarro de dois andares que alugámos à Caima, o grupo de música popular, a tuna e um grupo de fados. E fomos de Braga a Leninegrado, quase sem dormir porque para poupar dinheiro, dormíamos no autocarro. Foi uma espécie de *interrail* feito por estrada.

Juntava uma outra viagem que fizemos ao Peru, que foi no fundo a viagem de despedida do grupo inicial da tuna. Já não foram todos os fundadores, mas ainda foi o grupo mais forte de fundadores. Foi uma viagem bastante marcante por causa disso.

Depois, uma viagem ao Brasil e a última viagem que eu fiz em 2003 que foi a Cuba. Fiz numa fase em que já não estava muito ativo. Foi um esforço grande, porque já estava a conciliar as minhas obrigações profissionais com as obrigações que a tuna me impôs de ir a espetáculos para ganhar dinheiro para financiar a viagem. Cheguei a chegar a Braga às cinco da manhã e estava a trabalhar no dia seguinte. Eu tinha pedido para pagar a viagem, mas disseram que não, que se eu quisesse ir tinha que ser como um outro qualquer. Portanto, foi a viagem da despedida. Quando fui já tinha consciência que era a minha última viagem e foi especial nesse sentido também. A viagem em si também foi interessante, mas foi diferente porque eu acho que nessa viagem era o único fundador já. O que a tuna tem de bom também é isso, ou seja, vamos recebendo pessoas novas, das novas gerações, e depois ali somos todos iguais. Teoricamente, depois os papéis que cada um representa acabam por ser diferentes.

PAPEL NA TUNA

Qual é que era o teu papel na tuna?

Foi um resultado de ser fundador, porque na altura naquele grupo que se juntou no anfiteatro da Dom Pedro V, que hoje faz

parte das instalações da ARCUM, na altura era uma sala de aulas que a tuna usava para ensaiar, o que se pretendia era encontrar um grupo que fosse suficiente para iniciar a tuna. Por isso não foi uma seleção musical, foi «estás interessado, estás dentro». E depois vamos tentar aproveitar o melhor de cada uma das pessoas que entram. Eu entrei e tinha o projeto de aprender a tocar cavaquinho e decidi ser esse o meu papel na tuna. Entretanto, o tuno que ia ficar com a bandeira saiu, casou-se, e começou a ter menos tempo, e pediram para ser eu a ficar com o porta-estandarte. E eu fui fazendo esse percurso na tuna, até que passados uns sete anos passei esse papel a outra pessoa, porque é muito físico, são daqueles papéis que têm algum desgaste rápido e as pessoas deixam de ter o mesmo desempenho. E passei isso, e fui mantendo-me na tuna na parte de coro, e sempre tive uma componente da organização da tuna, eu era responsável pelo FITU, que é o Festival Internacional de Tunas.

O FITU

Quando é que foi fundado?

Organizámos para celebrar o primeiro aniversário da tuna. Nós iniciámos em 90, o primeiro FITU é de 91.

Foi logo no ano a seguir então.

Nós fizemos um percurso muito rápido, porque a tuna surgiu já com um grupo muito grande de pessoas que estavam habituadas a tocar em palco. E por isso nós facilmente demos um salto. Também não havia assim tantas tunas em Portugal. Na altura no Porto havia a Turma Universitária, havia a Tuna de Engenharia, depois em Coimbra havia a Estudantina, em Lisboa havia uma Tuna Mista da Universidade Internacional que depois deu origem à Estudantina Lisboa, depois havia uma Tuna em Évora, que nós chegámos convidar para o festival, tinha existido uma Tuna em Vila Real que estava praticamente extinta...

... e acho que chegou a haver qualquer coisa em Faro, no Algarve. Depois nos anos seguintes, já se estavam a formar mais. Na Universidade do Minho, praticamente no ano a seguir à nossa estreia, a Azeituna começou a ensaiar, mas foi um processo mais lento, eles só se estrearam penso que dois anos depois. No Porto começaram a surgir muitas mais tunas, e por todo o lado. Em Lisboa foi onde surgiram mais tunas.

Como havia aqui alguma curiosidade sobre as tunas e por outro lado nós também começámos a receber convites para ir a festivais em Portugal e em Espanha principalmente. E começámos também a querer fazer o nosso festival, até para começar a mostrar coisas diferentes, e Braga na altura não tinha assim muita oferta. Foi um caminho quase que natural. Na altura foi difícil, hoje se calhar têm mais meios mas talvez mais concorrência. A inexperiência era muito grande, mas por outro lado como não havia tanta oferta cultural, foi fácil montar o festival, porque havia mais apetência para nos apoiar. E o festival começou a correr muito bem, e ainda hoje se mantém. Se calhar à bocado erradamente não falei disso como uma das coisas que mais me orgulho, mas possivelmente é uma das coisas que mais me orgulho, porque eu sei quais foram as dificuldades, inclusive de alugar a sala. Não nos queriam alugar a sala porque achavam que nós a íamos destruir, queriam que nós fizéssemos um seguro enorme, que ninguém fazia, e depois resolveu-se porque algum familiar de alguém tinha uma companhia seguros, e resolveu-se quase num faz de conta. Depois as pessoas perceberam que nós não destruíamos as coisas, que fazíamos tudo com muito juízo, aliás, no Teatro de Circo, os funcionários até diziam que nós éramos o grupo mais organizado com que eles trabalhavam, mas mesmo assim fizemos algumas asneiras, na altura chegámos a meter no Teatro Circo 1700, 1800 pessoas. Hoje o Teatro Circo não

leva mais de 900 pessoas, na altura levava 1200 pessoas, mas estava tão cheio que havia pessoas que não entravam na sala, ficavam cá fora. Na verdade, nem queriam entrar na sala, porque as tunas antes de entrar para o palco ficavam no átrio a tocar e as pessoas não queriam ver as tunas no palco, queriam ver as tunas no átrio. E nós tínhamos de estar sempre a fechar a porta para a sala, para o som não entrar na sala, porque, às vezes, havia mais barulho a entrar na sala do que dentro da sala. Nesse ano, nós estávamos a gravar o festival e a aparelhagem com a condensação deixou de funcionar porque estava calor e uma humidade tão forte que aquilo deixou de funcionar. Depois, chamamos à atenção de que aquilo era, do ponto de vista da proteção civil uma coisa impensável, porque se houvesse qualquer coisa, ninguém saía do Teatro Circo. Nós tivemos que passar a ter mais cuidado com a bilheteira.

Isto foi no primeiro?

Não, em 94, 95.

Numa das primeiras edições.

OBJETO

Trouxeste umas notícias?

Não, isto foi uma exposição de que eu fui o responsável para celebrar os 25 anos da tuna. Nós fizemos uma exposição que esteve na Reitoria e depois teve uma itinerância, esteve em Monção, na Casa da Universidade do Minho em Monção, depois esteve nos dois campus, e esteve em outros sítios. Na Reitoria foi a mais completa, tinha oito painéis divididos por temas e uma série de adereços da tuna, os cartazes dos festivais, depois recordações individuais, porque nós somos de certa forma coletores de muita coisa. Nós pedimos aos tunos que fizessem uma seleção destes pequenos artigos que cada um tem. Eu tenho fardamento militar da União Soviética, tenho uma pedra que tirei do muro de Berlim...

...Outras pessoas tinham outro tipo de artigos, relógios, souvenirs de diversos sítios. Tínhamos inclusive daqueles carros do monte da Madeira, não me perguntem como é que veio, mas algures penso que havia uma casa da madeira na Universidade do Minho, e, certa altura tiveram um desses carros que não sabiam como aquilo chegou à tuna, mas ele estava lá. Era um carrinho que depois pusemos umas rodinhas e era usado para os passa-cais, para levar o contrabaixo a tocar. E estava lá na exposição. Tinha os instrumentos que a tuna toca, com relevância para a braguesa, que foi uma das coisas que nós desde o início estimulámos porque um dos prémios do festival, desde a primeira edição, foi sempre uma braguesa. Nós damos sempre um troféu e uma braguesa à tuna vencedora na edição. Isto desde 91.

Depois, a explicação do traje, da simbologia da nossa imagem. Depois, tínhamos um painel, que hoje está muito desatualizado, de todas as pessoas que pertenceram à tuna. Nós dividimos isto por gerações, são datas de entrada na tuna. Depois, os festivais em que nós participámos e os prémios que recebemos.

Foram muitos?

Sim, foram alguns. E hoje mesmo, eu vou acompanhando as notícias da tuna e a tuna vai ganhando sempre alguns prémios.

Depois, as viagens, tinha um mapa mundo e isto foi dos 25 anos, hoje já estamos quase nos 35 a mancha vermelha já se espalhou. Embora a tuna tenha regressado a alguns dos sítios que nós já fomos. Depois do festival, do FITU, e algumas tradições próprias da tuna, porque a tuna tem o hábito de fazer um retiro anual. Aliás, antes da fundação já o fez no Gerês, é por isso que uma das músicas da tuna se chama Gerês Tónico, porque a tuna de alguma forma tem essa ligação ao Gerês. Dentro do Parque Nacional da Peneda do Gerês, nós já fomos a

para muitos sítios desde Montalegre até à Peneda. Isto daqueles que eu conheço, porque, entretanto, já não sei para onde é que eles vão. De vez em quando recebo um e-mail porque eu estou nessa lista, mas já leio pouco. Já não consigo acompanhar.

Depois, há uma coisa que nós chamamos o VITAR, que é um acrónimo brincalhão, porque é o Very Important Tuno a rigor. Acho que estive no primeiro jantar que começou por uma coisa muito pequena, quase de um subgrupo dentro da tuna, em que nós vestíamos um fato e íamos jantar a uma tasca. Escolhíamos uma tasca qualquer e íamos assim todos vestidos. Na altura nós ainda éramos relativamente novos, e vestir o fato era algo que era diferente. Nem era uma tradição da tuna, era de tunos mas depois fez-se transformar numa tradição da tuna. E hoje o VITAR é um local de encontro das gerações. Mantém-se o código de vestuário, embora cada vez menos rigoroso porque agora vestir o fato, já é uma coisa que nos incomoda. Hoje quem veste o fato, são os mais novos, os mais velhos são um bocado mais abandalhados.

Há uma ligação que nós encontramos no meio do caminho, que foi a tuna do Liceu de Sá de Miranda, que foi uma tuna que existiu nos anos 30, 40. Numa altura, um dos membros dessa tuna veio ter à tuna com pautas e passou-nos esse testemunho. E, por coincidência, essa pessoa era avô de uma pessoa que pertencia ao grupo da ARCUM. Ou melhor, a Cristina entrou para a ARCUM depois do nosso contato com ela. E depois a explicação dos registos da tuna. Hoje há mais, e sei que estão a gravar um CD neste momento.

E, depois, a explicação da nossa integração na ARCUM. Quando começámos, não existia a ARCUM. Na viagem à União Soviética, os grupos que foram que existiam individualmente, embora com pessoas...

...comuns, perceberam que precisavam de uma estrutura que lhes desse suporte. Daí surgiu a ARCUM, porque foi a forma de nós termos uma figura jurídica que nos permitisse ter um NIF, que permitisse passar faturas para as pessoas que quisessem. Era uma altura em que as pessoas nos pagavam e não pediam recibos. Mas, depois, passaram a pedir recibos e nós tínhamos de ter essa capacidade de o fazer, e para concorrer aos apoios e para a própria Universidade nos apoiar diretamente. E a ARCUM surgiu dessa forma.

Depois tinha a última parte. É onde temos as nossas fotografias que nós fomos selecionando no nosso percurso. Na altura, dos 25 anos, hoje seriam completamente diferentes. Algumas delas podiam se repetir, mas quem fizesse uma nova exposição com este tema faria reflexões diferentes. Foi uma seleção de um núcleo que fez a exposição que teve a preocupação de ser transversal, mas tem também sempre uma parte de opção pessoal. Mas são pessoas que nos marcaram, são alguns dos turnos honorários. E depois outras pessoas, também ia dizer o motorista Fernandes, mas ele entretanto já é tuno honorário também. Isto era o núcleo dos painéis. Ao lado dos painéis havia um tipo de artigos. Mas como suporte, foi aquilo que eu achei que seria interessante.

MÚSICA FAVORITA DA TUNA

E agora, para terminar, qual era a tua música favorita quando atuavas na tuna?

É difícil escolher uma. O nosso hino, que é o Gerês Tónico, não por ser a música mais bonita que nós temos, mas é aquela que acompanha os momentos mais especiais da tuna. É a música que me tocaram quando eu casei, à saída da igreja. Quando há alguma passagem a tuno, essa é a música que a tuna toca. Essa é aquela que tem mais carga simbólica.

Depois há outras que eu posso ter acompanhado o nascimento delas e hoje dizem mais alguma coisa. Mas, se tivesse de escolher uma música, escolho essa. Não nasceu como hino da tuna, foi-se afirmado como hino da tuna.

Não é originalmente?

Não. Acho que é uma música que hoje ninguém precisa que a tuna ensaie. As pessoas tocam-na, aprendem-na a tocar, mas acho que não há nenhum ensaio onde a tuna se dedica a ensaiar essa música, porque todos os membros da tuna têm que a cantar ou a tocar. Faz parte das experiências da tuna.

Muito obrigada pela entrevista, foi muito interessante.

De nada.

